



# O que dizem aquelas(es) que constroem em si o poder de indignar-se?

A culpa não é da vítima, mas a dor é, e de todas. Esta dor alcança o cerne de nossas almas. A banalização da violência contra a mulher, menina, jovem na sociedade silencia uns, embora outros se avultem, com o intuito de legitimar a velha e criminosa argumentação de que mulheres precisam de um corretivo, de um controle aplicado por eles, os algozes, e que estes nada estão a fazer, senão assegurando o poder de sua masculinidade, a fim de enfraquecer a feminilidade delas, porque assim tem que ser.

Este ato de violência passa pelo sarcasmo, deboche, domínio, manipulação, descrédito e violação do ser. A dor nos força ao recolhimento, torna nossas mentes turvas e nossos dias cinzentos. No entanto, a certeza de que precisamos, todos, nos indignar, ergue-se impulsionada pelas lutas e conquistas do passado, a exemplo da árdua batalha pela desmistificação da cultura de dominação natural no final do séc. XIX e da conquista e domínio da fecundidade e liberdade sexual nos anos 1960/1970, assim como a busca do direito aos nossos corpos.

Neste momento em que o estupro coletivo a uma jovem mulher norteia tanto outros atos cotidianos de violência contra a mulher, somado ao descompromisso de governantes com as gerações do passado, presente e futuro nos cabe repudiar e combater todas as causas que levam à prática deste crime bárbaro, majorando mais e mais nossas forças para exigir a punição devida dos criminosos e a todos os que corroboram com a cultura do estupro.

Não merecemos ser estupradas!

**Miguel Torres**

Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes, da CNTM e Vice-presidente da Força Sindical

**Euzilene Nogueira (Leninha)**

Diretora do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes e responsável pelo Departamento da Mulher

